

OS DOCUMENTÁRIOS DE BETO NOVAES¹

Francisco da Costa Alves²



¹ Texto recebido em 20/02/2022. Aprovado pelos editores em 21/02/2022. Publicado em 28/03/2022.
DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v20i41.53223>.

² Possui graduação em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro / Brasil (1973), mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro / Brasil (1975) e doutorado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas – São Paulo / Brasil (1986). Atualmente é Professor Associado do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos. Tem atuado nas áreas de Economia do Trabalho, Economia Rural e Políticas Públicas. Tem publicado sobre as seguintes temáticas: Relações de Trabalho; Condições de Trabalho; modernização da agricultura, movimentos sociais no campo e Economia Solidária. E-mail: chiquinho@dep.ufscar.br.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9183120186518337>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9273-2684>.

Introdução

Falar sobre José Roberto Novaes, mais conhecido como Beto Novaes, e sobre o conjunto de documentários realizados por ele nesses últimos 45 anos é uma tarefa grande demais para mim, não só pelo volume de sua obra, pela densidade do material apresentado e diversidade de temas tratados, mas, fundamentalmente, porque o trabalho e vida de Beto misturam-se à minha. Além de amigos, compadres, irmãos, somos parceiros antigos. Realizamos, em conjunto, inúmeras pesquisas e as transformamos em documentários desde o início desse processo, quando Beto resolveu se dedicar de corpo e alma à realização desse tipo de produção visual, ainda em Campina Grande, no campus da Universidade Federal da Paraíba. Depois de Campina Grande, já trabalhando em universidades diferentes, fizemos juntos vários trabalhos de pesquisa, que, por insistência do Beto, geraram documentários.

Beto Novaes é, na minha opinião, um dos maiores documentaristas brasileiros, não apenas pelo volume de sua obra, mas fundamentalmente pelo ângulo adotado para tratamento das temáticas apresentadas, caracterizado pelo protagonismo dado à narrativa dos trabalhadores e trabalhadoras, adultos, crianças, jovens e idosos. São esses personagens que, nos documentários de Beto, deixam de ser objeto e passam a ser protagonistas da narrativa e da ação de transformação da realidade.

Neste artigo, não vou apresentar toda a filmografia de Beto nesses quase 50 anos de trabalho. Apenas pontuarei os aspectos mais importantes dessa extensa obra, ressaltando em particular alguns documentários, nos quais tive maior participação, quer por ter conduzido a pesquisa, por ter compartilhado a direção ou até mesmo por ter sido entrevistado.

Quero ressaltar, ainda, uma característica importante da trajetória profissional de Beto. Ele conseguiu, como poucos, exercer plenamente e na integralidade as atividades inerentes à sua carreira: professor do ensino superior em duas importantes universidades do sistema federal do ensino do Brasil: a Universidade Federal da Paraíba, campus de Campina Grande (UFPB-CG) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como todos conhecem, a atividade docente no Brasil, pressupõe a indissociabilidade entre o ensino de graduação e pós-graduação, a pesquisa e a extensão. Beto, ao longo de sua carreira, exerceu as três atividades plena e simultaneamente, o que é, de certa forma, raro na academia. Alguns de nós,

conseguimos nos tornar bons pesquisadores, com uma carreira invejável do ponto de vista da contribuição ao desenvolvimento da ciência, mas somos péssimos docentes; outros são excelentes docentes, sempre lembrados pelos alunos nas formaturas, mas com pouca produção científica; outros ainda fazem inúmeras e importantes atividades de extensão, mas são pouco encontrados e lembrados em salas de aula. Beto consegue fazer as três dimensões plenamente e será a elaboração de documentários o fio condutor que lhe permitirá integrar essas atividades.

Os documentários realizados por Beto se assentam em pesquisas, ou seja, são pesquisas acadêmicas realizadas por ele ou por pesquisadores próximos, que tomam a forma de imagens. Porém, para realizar a pesquisa e elaborar os documentários é necessário buscar os informantes do objeto e, como o objeto é o trabalho, os trabalhadores são procurados, assim como suas entidades de representação, sejam sindicatos, federações, confederações, centrais sindicais, associações de produtores, organizações não governamentais (ONGs) etc. Portanto, ao fazer pesquisa e ao fazer documentários, Beto tece uma enorme rede de relações, que lhe abrirá portas para uma interação efetiva entre a universidade e o mundo do trabalho. Será essa interação com o mundo do trabalho que permitirá a Beto o recebimento de demandas diretas dos trabalhadores, como, por exemplo, a da Central Única dos Trabalhadores (CUT) para fazer o documentário sobre os rurais que constituíam sua base (*Os rurais da CUT*).

Elementos centrais dos documentários de Beto Novaes

Os filmes de Beto Novaes, que se caracterizam por colocar o objeto de análise, os trabalhadores e trabalhadoras, na posição de protagonistas, reabrem uma velha discussão sobre o que é um documentário. É uma obra de ficção ou é a realidade retratada? Para Beto, na minha interpretação, o documentário é uma obra não ficcional, na medida em que tudo o que é mostrado é real e cientificamente comprovado. Ele mostra, sem trucagem ou efeitos especiais, a realidade, nua e crua. Mas, ao mesmo tempo, ele é também ficção, na medida em que a realidade, embora não maquiada, é mostrada a partir do olhar de seu observador, o realizador. Este capta a realidade e a devolve na forma de documentário, depois de processada, decupada, montada. Nesse processo, o cérebro do realizador, antes observador,

incorpora nessa realidade reconstruída, seus valores, sua forma de ver e pensar. Nesse processo, o documentário passa a ser, portanto, a realidade não real, mas um real transformado pelo realizador, mas também pelos protagonistas da trama social: os trabalhadores e trabalhadoras, que contam suas histórias, mostram seus corpos marcados por essa realidade.

A obra de Beto mostra uma realidade, que raramente aparece na televisão, no cinema, no rádio, na mídia empresarial, de e do mercado. A realidade mostrada nesses documentários é invisível: são trabalhadores, trabalhadoras, jovens, crianças e velhos, pertencentes ao povo e este só é mostrado pela mídia em casos de catástrofes ou festas. Nos documentários de Beto não há catástrofes, a não ser o cotidiano das duras e invisíveis condições de vida e trabalho a que a população trabalhadora está submetida e que, aos olhos estranhos, parece catástrofe. Nesses documentários, embora se mostre o trabalho, há também festas, porque no trabalho se canta, se dança, se conversa. Os filmes de Beto são como o inverso de um olhar despreocupado sobre uma paisagem. Por exemplo, quando passamos de carro numa estrada e vemos, pela janela, um verdejante canavial, um belo pomar de frutas, um campo de soja flutuando ao vento, a colheita de uma *commodity* qualquer, mas não vemos os trabalhadores que produziram aquele cenário, que realizaram a produção ou a colheita. Vemos, no máximo, o produto e ou as máquinas. É como se estivessem ali por obra do acaso ou como resultado da ação das máquinas, que aparecem como se não tivessem sido conduzidas por homens e mulheres, como se fossem autômatos. Quando não vemos os trabalhadores, também não vemos as condições em que aquele trabalho foi realizado e isso é o que é mostrado em primeiro plano nos documentários de Beto.

Por que fazer documentários

O grande motivador de Beto na direção da realização de documentários é a seguinte questão: como levar o conhecimento gerado na universidade, através da pesquisa científica, para os trabalhadores e trabalhadoras? Como fazer com que o conhecimento gerado não fique sob o domínio apenas de quem o produziu ou o financiou: os pesquisadores ou as agências financiadoras, públicas ou privadas?

Para Beto, o produto da pesquisa científica, ao tomar a forma de relatórios, livros ou artigos científicos, disponíveis apenas em bibliotecas ou para assinantes, confina o conhecimento produzido aos próprios produtores do conhecimento, ou aqueles que os financiam. Mas o conhecimento científico deve ser disponibilizado à população: os trabalhadores e trabalhadoras. Esta proposta motivará Beto a dirigir sua trajetória acadêmica à pesquisa sobre o trabalho rural e à transformação do resultado da pesquisa acadêmica, sua e de outros pesquisadores, em um material acessível: documentários, em suas diferentes formas (filmes, vídeos, fotografias etc), que possam ser acessados, entendidos e debatidos livremente pelos trabalhadores e trabalhadoras, em seus locais de trabalho e moradia.

Motiva Beto, na realização de documentários, o fato de saber que os trabalhadores e trabalhadoras, em sua maioria, no Brasil, são analfabetos ou semialfabetizados e não têm condições de ler um livro ou um artigo científico, que são escritos numa linguagem acessível a poucos. Portanto, o documentário, é um meio de poder fazer chegar a eles o enorme acervo científico produzido pela academia. Para que isso se torne efetivo, são necessárias duas coisas: primeiro, transformar o resultado da pesquisa em documentário; segundo, criar condições para que esse material esteja ao alcance dos trabalhadores e trabalhadoras. Para dar conta do primeiro problema, é necessário traduzir a pesquisa, que foi produzida numa determinada língua e linguagem acadêmica para uma outra língua e linguagem, acessíveis aos trabalhadores, que não são letrados e não são treinados para leitura, em especial leitura de textos acadêmicos. Os documentários não podem ser uma espécie de manual, do tipo “faça você mesmo”, que são, em sua grande maioria, chatos e pouco claros. Eles devem ter características próprias que os tornem, ao mesmo tempo, compreensíveis, isto é, que possam ser entendidos pelos trabalhadores e disponíveis. E, para isso, é necessário pesquisar e até inventar possibilidades de difundir o documentário. É na difusão que o documentário chega aos trabalhadores e a partir daí poderá vir a ser usado para a reflexão sobre a realidade ali mostrada. Essa reflexão é que irá gerar os elementos necessários à transformação social. Dessa forma, a divulgação dos vídeos tomou e toma até hoje uma parte da preocupação de Beto Novaes.

Nos vários e diferentes documentários realizados por Beto ao longo de sua carreira, há quatro preocupações permanentes: 1) o compromisso com o conteúdo da

pesquisa científica; 2) os trabalhadores e trabalhadoras que, através de suas falas, de seus corpos, são os protagonistas da narrativa; 3) a fala está subordinada à imagem e 4) não há a indicação de caminhos para a superação dos problemas sociais apresentados.

A primeira preocupação, volta-se para o fato de que o que é mostrado no documentário é resultado de pesquisa e, portanto, é cientificamente comprovado. Não é uma narrativa casual, não é mentira (chamadas modernamente de *fakenews*), portanto tem compromisso com a verdade. A segunda preocupação vai na direção de mostrar a realidade através dos próprios trabalhadores, tornando-os protagonistas da narrativa. Se eles são os protagonistas, podem e devem ser os responsáveis pela mudança. A terceira se refere à característica estética do documentário perseguida por Beto. Ele acredita que uma imagem bem colocada vale mais do que mil palavras e se a imagem está posta, ela dispensa a palavra. A quarta preocupação é muito importante, porque o documentário não deve apresentar soluções aos problemas apresentados. Ou seja, ele deve apresentar problemas, apresentar alternativas, mas não pode apontar soluções, porque a solução de problemas sociais só é alcançada por meio da luta social que deve ser empreendida pela sociedade e pela classe social que é vitimizada pelo problema. Portanto para haver solução é necessário que haja luta e é nessa luta, empreendida pelos trabalhadores e trabalhadoras, que as alternativas vão se dando. As escolhas devem ser feitas pelos trabalhadores.

Lembro de uma vez em que Beto e eu estávamos participando da exibição e discussão de um documentário para um conjunto de estudantes interessados em estudar as condições de vida e trabalho dos trabalhadores rurais. Apresentamos o documentário *Migrantes*, que realizamos juntos. Quando dávamos andamento ao debate, uma aluna perguntou, dirigindo-se ao Beto: “Professor, por que você não mostrou a solução do problema, porque você mostrou apenas que eles são obrigados a migrar, quando chegam no destino, têm péssimas condições de trabalho, que algumas vezes os leva à morte ou à incapacidade física permanente. Afinal, por que você não diz se eles devem migrar ou não?” Beto respondeu: “eu não tenho a resposta, se é melhor ir, ou ficar, porque as duas alternativas colocadas pela sociedade são ruins. Uma o livra da fome, migrando, a outra o aproxima da morte: o trabalho na cana. As duas matam. Apontar uma das alternativas seria escolher uma das possibilidades de morrer e isso, além de muito difícil, não me cabe. A alternativa

não é ficar naquelas péssimas condições nem ir e migrar e enfrentar também péssimas condições de vida e trabalho. Isso não quer dizer que não haja saída; significa apenas que a alternativa é uma outra além dessas duas e essa deve ser construída pelos trabalhadores”.

O processo de transformação do professor/pesquisador em documentarista

O início da trajetória de Beto como documentarista se dá junto com sua formação como professor e pesquisador. Essa história começa, para valer, em 1977, quando ele ingressa como docente na UFPB, campus de Campina Grande (hoje Universidade Federal de Campina Grande, UFCG), para compor a equipe do recém-criado Mestrado em Economia Rural. A ida de Beto para a UFPB se deu a partir de um convite formulado pelo diretor, à época, da COPPE/UFRJ (Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Professor Nelson Maculan. Beto recebeu o convite, porém, condicionou a aceitação à possibilidade de levar com ele uma equipe de docentes, composta por ele, sua companheira, Regina Reyes Novaes, e mais três amigos. Eu era um deles. Portanto, Beto nos convenceu a embarcar com ele nesse projeto de vida: tornar-se professor da UFPB/CG.

Assim que chegamos em Campina Grande e ingressamos na Universidade, Beto nos persuadiu a elaborar um projeto de pesquisa acadêmica e nos tornamos professores e pesquisadores, praticando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Ele nos propôs como objeto de estudo um tema de grande relevância para a cidade e para o estado da Paraíba: a comercialização do algodão. Campina Grande era a segunda cidade mais importante do estado e, na época, tinha uma população quase do mesmo tamanho que a da capital, João Pessoa. Outrora fora conhecida como a Liverpool do Brasil, porque teve, desde o século XIX até meados da década de 1960, papel fundamental na comercialização de todo o algodão, produzido no Sertão nordestino (Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará) para o Brasil e para o mundo. Daí a comparação com Liverpool. Quando o algodão nordestino entrou em decadência, devido ao desenvolvimento de novas variedades, como o herbáceo, substituindo o nativo arbóreo, de fibra longa, levou junto toda a estrutura de beneficiamento e de comercialização do algodão de

Campina Grande e essa decadência estava sendo expressa naquele momento, década de 1970. Beto teve a percepção de pegar para estudar um objeto de grande importância local e regional e cujos impactos estavam se dando naquele momento.

Portanto, por conta de Beto, mal desarrumávamos as malas e nos dávamos conta da nova realidade de vida e trabalho, numa cidade estranha, nos envolvemos numa atividade de pesquisa, sobre um produto e um assunto que nenhum de nós conhecia. Para isso tudo foi necessário muito estudo, aprendizagem e vivência.

Logo no início da pesquisa, ainda em 1977, em nossas idas e vindas ao campo, com as descobertas que fazíamos sobre a produção e comercialização do algodão, Beto nos convenceu a realizar um novo produto da pesquisa. Insistia que o resultado dela não poderia ser apenas um relatório ou as dissertações de mestrado, que estávamos fazendo, ou os artigos científicos, que fazíamos para apresentar nas reuniões do Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura (PIPSA). A pesquisa deveria gerar um outro resultado acessível aos trabalhadores, produtores do ouro branco paraibano: um documentário. Isso porque este, repleto de imagens e falas, poderia ser exibido diretamente aos trabalhadores, em qualquer lugar, até nos grotões mais remotos do Sertão Nordestino. Bastava energia elétrica, o que um gerador à gasolina poderia fornecer, uma parede ou um lençol no varal e público. Com esses meios, baratos e acessíveis, os trabalhadores teriam contato com um conhecimento que ajudaram a consolidar. Ver na tela a imagem de suas vidas e seu trabalho permitiria reflexões sobre suas realidades e ações para a melhoria dessas condições.

Para a realização desse documentário, nos debruçamos sobre duas questões: as formas de fazê-lo e o tipo e características estéticas do produto. Naquela época, década de 1970, o único meio de gravação de imagens em movimento e com som era o acetato, isto é, um filme gravado em fotogramas. A questão a decidir era a bitola a ser utilizada. Havia disponíveis, naquele momento, três bitolas: 35mm, 16 mm e 8mm e o super 8. A de 35 mm era usada pelo cinema comercial, tinha uma melhor qualidade de captação de imagem, porém, era mais cara de operação e cópias e exigia um equipamento sofisticado de exibição, com salas apropriadas. A bitola de 16 mm, empregada também em filmes comerciais, era a mais usada para documentários. Ela tinha inúmeras vantagens sobre a de 35mm, em que pese a mais baixa resolução de imagem: menor custo de gravação, exigia equipamento menos sofisticados e mais

leves e era de fácil exibição (um projetor pequeno e uma tela). A bitola de 8 mm, mesmo na sua versão mais avançada, o super 8mm, era de pior resolução e era usada, fundamentalmente, como meio de gravação de eventos, mas também em documentários. A dúvida sobre bitolas gerou um longo processo de discussão de inúmeros documentários que assistimos. Durante um longo tempo, nosso grupo, realizava dois trabalhos: a pesquisa sobre as bitolas a serem usadas e seus pontos a favor e contra e a característica documental do produto a ser realizado.

Nesse processo foi fundamental a iniciativa de Beto de integrar à nossa equipe de pesquisa profissionais da área de cinema de Campina Grande. Dessa forma, o grupo passou a ser de seis pessoas, coordenadas por Beto: quatro faziam a pesquisa acadêmica sobre a comercialização do algodão na Paraíba e dois se integravam para a realização do documentário.

Esse movimento de buscar outros profissionais é uma grande característica de Beto: saber trabalhar em grupo e saber montar equipe de trabalho. A escolha de equipe técnica de qualidade será sempre um dos pontos altos de todo o trabalho de Beto. Seus documentários são de elevada qualidade técnica no que tange às imagens e som. São também de alta qualidade estética e elevada sensibilidade. São documentários bons de se ver, não cansam o espectador. São bonitos, o som é bom. As imagens falam sozinhas, não é necessária a narração. Imagens e falas se complementam e isso vai se tornando mais evidente na trajetória de documentarista de Beto Novaes. Ao longo de sua carreira, Beto passa a fazer documentários mais curtos, onde a fala e a narração dos fatos vão perdendo o poder de condução, que passa a ser exercido pelas imagens. Dessa forma, os documentários de Beto perdem aquela característica acadêmica de vários filmes dessa natureza dos quais jocosamente se dizia: “É um filme bom: dá até prá ouvir no rádio”. Nos documentários de Beto, fundamentalmente nos mais recentes, as imagens contam a trama, mostram o problema, as falas complementam. Dessa forma, o espectador é presenteado pelo conjunto imagem/som e ambos de excelente qualidade estética.

O gargalo da divulgação: como superá-lo?

Tendo essas preocupações como norte, Beto vai dedicar sua carreira acadêmica à pesquisa científica com dois objetivos: entender as condições de vida e

trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, que é o objeto da maior parte de suas publicações científicas, além dos documentários, e o estudo das inúmeras possibilidades de produzir documentários com aquelas duas características ditas anteriormente: documentários que os trabalhadores entendam e que estejam disponíveis. A disponibilidade para os trabalhadores é a possibilidade de eles terem acesso fácil ao documentário. Disponível não é apenas dispor de um exemplar numa biblioteca ou videoteca, que é o básico, mas é tê-lo no seu bairro, no seu sindicato, na sua igreja, para exibi-lo aos companheiros e discutir o seu conteúdo.

Beto vem há anos trabalhando, estudando e inventando formas de divulgar esse vasto material, não apenas dele, mas de um grande número de documentaristas, que produzem obras fantásticas, mas que se deparam com a impossibilidade de mostrá-los a quem realmente importa: os trabalhadores e trabalhadoras, que poderão fazer uso deles para refletir e mudarem suas realidades de trabalho e vida. Ele conseguiu recentemente disponibilizar sua filmografia no YouTube, após conseguir digitalizar todo o material, que havia sido produzido em diferentes meios, desde filmes em acetato a DVDs, passando pelos inesquecíveis vídeos-cassetes. Essa disponibilização deu uma enorme visibilidade ao material e avançou na sua difusão. Não é mais necessário escrever e esperar pelo correio a remessa. Mas essa alternativa atual ainda é tímida, frente às necessidades de difusão, porque nem todos os trabalhadores conhecem o YouTube, nem todos dispõem de acesso à internet e nem todos sabem como operá-lo. O YouTube, por outro lado, é também uma alternativa instável, na medida em que não é público, é privado e objetiva lucro.

Algumas das obras de Beto Novaes

No contexto anteriormente mostrado, de chegada à Paraíba e da pesquisa sobre um objeto novo, a comercialização do algodão, foi feito o primeiro filme documentário de Beto Novaes. Ele foi realizado por uma equipe, porém a coordenação era exercida por ele, que, na sua extrema modéstia, preferiu que o trabalho fosse creditado a toda a equipe, apresentada nos créditos em ordem alfabética. Nesse processo, foi concluído, em julho 1979, *O que eu conto do sertão é isso*, lançado na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

em Fortaleza, Ceará. Depois foi apresentado no 8º. Festival Jornal do Brasil/Shell de documentários e recebeu o primeiro prêmio.

Esse documentário mostra o processo de mudança da relação de trabalho em curso na Paraíba naquele momento: do morador parceiro para o trabalhador assalariado. O morador parceiro realizava toda a produção de algodão, do preparo do solo ao plantio e colheita, naquela terra que recebia do proprietário. Metade da produção pertencia ao parceiro e a outra metade ao proprietário. Este, o “patrão”, comercializava toda a produção e descontava da metade que pertencia ao morador, todos os adiantamentos por ele recebidos, durante a realização da produção. Isso criava um sistema de endividamento, que tornava o trabalhador e sua família semiescravos, escravidão por dívida. Essa relação de trabalho foi sendo substituída pela relação de trabalho assalariada e os moradores foram expulsos das propriedades e passaram a morar nas periferias das cidades do Sertão paraibano, criando um novo problema social. Há, hoje em dia, poucos registros dessa relação de trabalho, que perdurou por séculos no Sertão nordestino. Por isso, esse documentário passou a ser um documento histórico.

Todos os documentários contam histórias de vida, trabalho e luta de trabalhadores, homens, mulheres, crianças e idosos, grande parte deles invisíveis aos olhos da sociedade. A começar por *O que eu conto do Sertão é isso* caracterizam-se por mostrar trabalhadores e trabalhadoras operando o trabalho. Dessa forma, o trabalho é o objeto de análise de quase todos os filmes de Beto Novaes, que mostra sua dureza e as lutas dos trabalhadores e trabalhadoras para a melhoria das condições de vida e trabalho. O trabalho e a luta estão presentes, preenchendo todo o espaço do segundo documentário de Beto que colocamos em destaque: *Califórnia à Brasileira*, de 1989. Este é o primeiro feito no meio de videocassete. Nesse documentário, sobre a greve de Guariba, a dura repressão policial ocorrida, nesta greve e em outras de trabalhadores rurais, emociona o espectador, que vê aflorar no pacato e próspero interior paulista as péssimas condições de trabalho e brutal repressão policial contra os que reivindicam apenas o que está na lei.

A repressão policial de um lado, as péssimas condições de trabalho, de outro, e a modernização chegando ao campo, com máquinas substituindo o trabalho humano, formam um universo, tratado por Beto nesse documentário e em vários outros. Com essas obras sobre o trabalho e a luta dos cortadores de cana, ele se

torna o cineasta dos boias-frias. São sete filmes sobre a temática do trabalho na cana, iniciando com *Califórnia à Brasileira*, depois *Por trás dos Verdes Canaviais*, *Guariba 1984*, *A Memória em nossas mãos*, *Migrantes*, *Quadra Fechada*, *Conflito* e, fechando a série, *Linha de Corte*. Com extrema sensibilidade e profundidade, revela ao mundo, as péssimas condições de trabalho prevalecentes num ramo de atividade que projetava o Brasil no comércio internacional de combustíveis. São evidenciadas as mudanças que se davam no processo de trabalho e as lutas empreendidas pelos trabalhadores por melhorias nas condições de trabalho. Desse embate entre capital e trabalho, retratado nas obras, emerge a agudização do processo de exploração, que ultrapassa os limites da vida e leva à morte por excesso de trabalho, ou à incapacidade permanente para a realização de qualquer trabalho, como mostrado em *Linha de Corte*.

Dentre os inúmeros trabalhos de Beto Novaes, vale a pena comentar dois outros de enorme significado na sua filmografia: *Os Rurais da CUT* e *Mulheres das águas*. O primeiro, de 1992, merece ser lembrado por três motivos: sua importância por abrir um canal direto de interação entre Universidade e mundo do trabalho; por mostrar o processo de assassinato e morte de dirigentes sindicais e, finalmente, por explicitar a cara dos trabalhadores e trabalhadoras rurais brasileiros: são negros, além de pobres, se não, não seriam trabalhadores.

Como foi explicitado ao longo deste texto, Beto é um professor que exerce com desenvoltura as três dimensões indissociáveis da função: ensino/pesquisa/extensão. *Os rurais da CUT* foi uma demanda apresentada ao Beto pelo então recém-criado Departamento Nacional de Trabalhadores Rurais da CUT. Esse Departamento tinha, na época, uma enorme importância política para a CUT, uma Central sindical relativamente nova, que tinha uma grande presença no meio sindical urbano, mas ainda pequena junto aos trabalhadores rurais, em grande parte, representados nacionalmente, pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). A importância desse documentário é estabelecer um canal de parceria e de trabalho entre as universidades brasileiras e a Central Única dos Trabalhadores, constituindo-se num trabalho de extensão, que saía dos moldes até então existentes de parceria entre universidades e empresas. O segundo motivo é que um dos entrevistados é Expedito Ribeiro, Presidente do Sindicato de Rio Maria no Pará, que faz um depoimento emocionante, mostrando que era um “cabra marcado para morrer”,

porque os grandes proprietários rurais do Pará haviam decretado sua sentença de morte. Alguns meses após esse depoimento, Expedito foi morto, como havia denunciado no documentário. Anos depois Beto fará, com Aída Marques e Padre Ricardo Rezende, o longa metragem *Expedito, em busca de outros nortes*, no qual, através de belas imagens e fortes depoimentos, mostrará a vida e a obra desse sindicalista poeta, ou poeta sindicalista. O terceiro motivo da importância desse documentário é que Beto o abrirá com uma imagem sorridente de um trabalhador rural negro. Essa imagem é carregada de simbolismo, porque mostra que os negros são predominantes entre os trabalhadores rurais e esse aspecto de negro e trabalhador aparecerá em todos os filmes de Beto. Embora Beto não trate, diretamente, em seus documentários da questão racial, nas imagens de trabalhadores em ação como trabalhadores, no espaço da produção, no espaço da reprodução e da luta há o predomínio de negros.

A importância do documentário *As mulheres das águas* está no fato de ser o primeiro em que Beto entra e nos mostra o universo feminino. As mulheres, tanto crianças, quanto jovens, adultas ou idosas, sempre estiveram presentes nos documentários de Beto. Em vários deles os principais depoimentos são de mulheres, desde *O que que conto do sertão é isso*, no qual quem abre o filme é uma mulher, em prantos, mostrando porque foi expulsa do campo e veio morar na cidade. Em outros, como *Migrantes*, os principais e mais fortes depoimentos sobre a dureza da migração para o trabalho na cana são de mulheres. Porém, nesses documentários a problemática das mulheres não era tratada diretamente. Em *As mulheres das águas* as protagonistas são mulheres, trabalhadoras das águas e é na água e da água que elas tiram o seu sustento e de suas famílias. É um documentário belíssimo em imagens e depoimentos, mostrando um trabalho exercido, em sua maioria por mulheres e que dessa forma nos mostram as duras condições de vida e trabalho nessa atividade e como ela tem a ver com o universo feminino. São trabalhadoras que atuam nos manguezais e esses são o espaço da vida e da recriação da vida. A água e mulheres representam vida, portanto mulher, água e vida são partes inseparáveis da existência da vida no planeta.

Considerações Finais

Um artigo para um dossiê requer considerações que deem fecho à narrativa. Em geral, eu deveria encerrar com um resumo de tudo que foi mostrado em cadeia, item por item, e terminar apontando novas hipóteses e alternativas para os outros trabalhos e investigações a serem realizadas por mim, ou por outros, que se interessem pelas temáticas aqui tratadas. Mas, como esse artigo tem a pretensão de apenas mostrar uma pequena parte da produção documental de Beto Novaes, vou terminar esse texto fazendo um convite para que vejam, difundam e discutam os documentários da enorme filmografia de Beto Novaes.

Encerro contando uma pequena prática que Beto e eu fazíamos, quando participávamos de debates e discussões com os trabalhadores personagens dos documentários. Não me lembro de quem foi a autoria da ideia, mas acho que foi do Beto: ao final da exibição e discussão, que, em geral, era longa, sorteávamos entre os presentes alguns exemplares dos documentários, que levávamos para os debates. Usávamos uma forma de sorteio rápida e que não criava dúvidas sobre sua lisura, que era pedir a alguém para dizer um número de um a 100, dependendo do número de presentes. Tendo esse número, iniciávamos a contagem dos presentes, iniciando por um até chegar ao número escolhido, que era o do sorteado. Este ficava muito contente em receber o documentário como prêmio. Nós o entregávamos e fazíamos uma advertência, que era a “maldição do pirata”. Como a cópia que levávamos era pirata e nós defendíamos e praticávamos a pirataria, advertíamos que esta tinha uma maldição, dado que nas histórias de piratas sempre há uma maldição. Era ela: todos os premiados eram obrigados a exibir o documentário para pelo menos dez pessoas. Se os guardasse na gaveta e não exibisse para outros, no mínimo dez, teriam dez anos de azar. Façam o mesmo.

Documentários de Beto Novaes

Projeto Educação através de Imagens (UFPB e UFRJ) - produção de documentários para uso na educação - 1978 a 2020

ANO	TÍTULO	TEMA	LINK PARA ACESSO
2020	<i>Varredeiras</i>	Trabalho das mulheres da limpeza urbana	Indisponível
2019	<i>O Diagnóstico</i> Legenda oculta - vários idiomas	Intoxicação por agrotóxicos na lavoura de fumo	https://www.youtube.com/watch?v=fKD2_Bbt8PY&t=2068s
2018	<i>Agrofloresta é mais</i> Legenda oculta - vários idiomas	A produção agroflorestal em acampamento do MST	https://www.youtube.com/watch?v=epPE7XOMa3o
2016	<i>Mulheres das Águas</i>	Trabalho das mulheres nos manguezais	https://www.youtube.com/watch?v=tHBujQGKYA&t=351s
2015	<i>Eletricitários</i>	Precarização do trabalho setor elétrico	https://www.youtube.com/watch?v=hWwPuadc mVU&t=7s
2015	<i>As Sementes</i> Legenda oculta - vários idiomas	Mulheres e agroecologia	https://www.youtube.com/watch?v=0b2zqiaT8Wc&t=86s
2015	<i>É isso aí</i>	Estatuto da Juventude	https://www.youtube.com/watch?v=NxseAtDX-Qs
2014	<i>Pé no Formigueiro</i>	Congresso Juventude – DF	https://www.youtube.com/watch?v=YsXCfi3pPQc
2013	<i>Linha de Corte</i> Versão: português	Precarização trabalho e saúde dos trabalhadores da cana em SP	https://www.youtube.com/watch?v=lkzKFL-IYLQ&list=PL0eyusBZZVSrkRgtURi5Xw6xwSnfmTicP
2013	<i>Linha de Corte</i> Legenda: inglês	Precarização trabalho e saúde dos trabalhadores da cana	https://www.youtube.com/watch?v=5xPzMKKOvtM&t=568s
2013	<i>Linha de Corte</i>	Precarização trabalho e saúde dos	https://www.youtube.com/watch?v=7eFK78s6Psc&t=6s

	Legenda: espanhol	trabalhadores da cana	
	Nuvem de Veneno Legenda: espanhol	Agrotóxico, saúde coletiva e meio ambiente	https://www.youtube.com/watch?v=vuBNRGb8JwE&t=5s
2013	Nuvem de Veneno Legenda: inglês	Agrotóxico, saúde coletiva e meio ambiente	https://www.youtube.com/watch?v=yVFRxsPf5io&t=359s
2013	Nuvem de Veneno Versão: português	Agrotóxico, saúde coletiva e meio ambiente	https://www.youtube.com/watch?v=jZ1QUAxFaxs
2012	Uma árvore bonita	Juventude negra: luta pelos direitos	https://www.youtube.com/watch?v=rntkKczZfcY&t=7s
2011	Conflito Legenda português	Luta pelos direitos: greve dos canavieiros	https://www.youtube.com/watch?v=ANVc3udWA_k
2009	Diálogos Legenda espanhol	Congresso de Juventude Latino americano	https://www.youtube.com/watch?v=w9nHir3nz_g
2009	Diálogos Legenda Português	Congresso de Juventude Latino americano	https://www.youtube.com/watch?v=lcZxjR4Y6vM
2009	Diálogos Legenda inglês	Congresso Latino Americano de Juventude	https://www.youtube.com/watch?v=iyeQF8oRP_w&t=15s
2009	A Rota do Pescado	Pesca artesanal em Arraial do Cabo	https://www.youtube.com/watch?v=6mU02DI3kRw
2007	Expedito: em busca de outros nortes Legenda oculta - vários idiomas	Migração e assassinato na Amazônia	https://www.youtube.com/watch?v=rH45C_1JZ7o
2007	Migrantes	Migração e trabalho na	https://www.youtube.com/watch?v=5JecKSPeh0Q&t=1187s

	Legenda oculta – vários idiomas	safra da cana – NE/SP	
2007	Mamulengo	Migração: trabalho na safra da cana –NE/SP	https://www.youtube.com/watch?v=qyq1VfpsfSc&t=25s
2007	Violeiro	Migração: trabalho na cana – NE/SP	https://www.youtube.com/watch?v=gOvMtooMouw
2006	Quadra Fechada	Controle da produção pelos trabalhadores da cana	https://www.youtube.com/watch?v=dxGNE9x4Ioo
2002	Memória e nossas mãos	Resgate de memória: trabalhadores da cana	https://www.youtube.com/watch?v=Z3qGSNAFaKU&t=238s
2002	Guariba 84	Greve de trabalhadores da cana em Guariba	https://www.youtube.com/watch?v=3aLBbG6ilql
1999	Meninas Mulheres	Crianças e adolescentes na periferia de Campinas	https://www.youtube.com/watch?v=WI1NDL_CWs&t=20s
1998	Conversas de Crianças	Trabalho infantil em Acampamentos do MST	https://www.youtube.com/watch?v=BLX1ff4Y2vY
1994	Meninos da Roça	Trabalho Infantil na lavoura da cana	https://www.youtube.com/watch?v=DkocNgPU8HQ
1994	Sonhos de Crianças	Trabalho infantil agricultura de Goiás - GO	https://www.youtube.com/watch?v=9MPPII8LFNw&t=850s
1993	Por trás dos Verdes Canaviais	Trabalho precário na safra da cana	https://www.youtube.com/watch?v=8N-zuwhFIJg
1992	Rurais da CUT: Imagens e Memória	A CUT no campo e o sindicalismo rural no Brasil	https://www.youtube.com/watch?v=FzTb5-ZCtaM

1991	<i>Califórnia à Brasileira</i>	Trabalho precário nos canaviais	https://www.youtube.com/watch?v=KvVMU9GJM04
1988	<i>Campo de Batalha</i>	Ocupações de terra urbana em Campina Grande	Indisponível
1981	<i>Até quando</i>	Trabalho precário nos canaviais	indisponível
1978	<i>O que eu conto do sertão é isso</i> Legenda: português	Mudança na estrutura produtiva dos latifúndios – PB	https://www.youtube.com/watch?v=M2L3iUeW0LA&t=66s